

# O VI Salão Nacional de Arte Moderna

## TENDÊNCIAS

MARC BERKOWITZ

IN FELIZMENTE o VI Salão Nacional de Arte Moderna — como também foi o caso dos salões anteriores — não consegue apresentar uma espécie de corte transversal da arte moderna no Brasil e de suas tendências. Para isso existe toda uma série de razões: a pouca publicidade feita nos Estados, o baixo nível e o número grande dos envios dos chamados "hors concours", a benevolência exagerada do júri, o regulamento que deve ser completamente remodelado, a falta de interesse dos "grandes" pelo Salão, que poderiam e deveriam prestigiá-lo, enviando os seus trabalhos mais recentes. Em geral, uma vez que o artista ganha os prêmios importantes — principalmente o cobiciosíssimo Prêmio de Viagem — perde completamente o interesse pelo Salão, achando que dele já não pode mais tirar proveito. Por essas e outras razões as tendências representadas no Salão nem sempre representam as tendências da arte moderna no Brasil e no mundo.

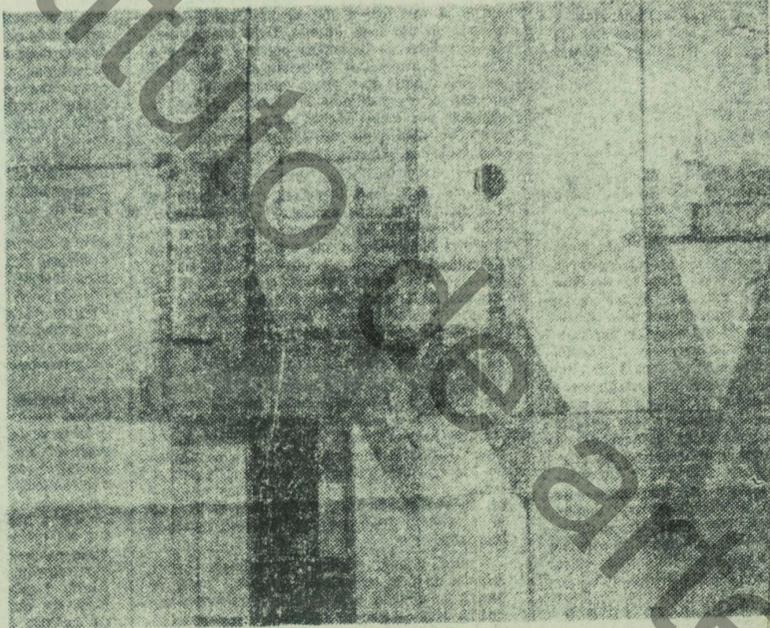
Este ano o Salão mostra uma coisa aliás já sobejamente conhecida: a vitalidade extraordinária da arte abstrata da tendência chamada abstracionismo expressionista. Mostra também que antes de realmente nascer no Brasil, o concretismo — apesar de seu Salão Nacional de Arte Concreta, realizado com grandes alardes de publicidade, mas com poucos resultados artísticos — já está moribundo, depois de ter sido ultrapassado há muito tempo na Europa. O escultor Franz Weissmann, dito concretista, apresenta algumas das melhores obras do Salão, não há dúvida, mas se trata de um artista individual, de forte personalidade, de um criador que não se inspira em fórmulas geométricas encontradas em livros do primeiro ano ginasial. Serpa está se afastando do concretismo, e acredito que será fora da aridez das fórmulas preestabelecidas que ele poderá encontrar o caminho digno de seu grande talento. Maria Leontina, Saldanha e Kraje-

berg são, na minha opinião, os mais fortes representantes da tendência abstrato-expressionista. Seus trabalhos são do mais alto nível internacional. O figurativismo é outra tendência de importância suprema e que naturalmente jamais perderá a sua vitalidade. As formas da natureza e as emoções nunca poderão estar completamente ausentes da manifesta-

trarem no mundo monótono da realidade fotográfica.

No Brasil a pintura primitiva — ou antes ingênua — ocupa um lugar de grande destaque. Não é uma tendência que me interessa muito, o mais famoso primitivo de todos, o "doutor" Rousseau — e naturalmente os primitivos italianos e flamengos — eram simplesmente grandes artistas que ignoravam as regras existentes. Aqui, Ujanira e um

UMA COISA está evidente: a quanto penetram no primeiro andar do Ministério da Educação e Cultura, onde se realiza atualmente inaugurado a 15 de maio, o Sexto Salão Nacional de Arte Moderna, criado pela lei 1.512, em 1951, — aproximadamente cinquenta por cento das obras ali expostas pertencem ao domínio da pintura repartindo-se as demais por entre as cinco outras especialidades artísticas



Pintura de Maria Leontina

ções plásticas. Não vale a pena entrar numa discussão das subdivisões das tendências. Mas como na abstração o Salão parece querer demonstrar a aridez do concretismo, o mesmo ocorre no setor do figurativismo em relação a tendência chamada social-realista. Muitos artistas que apoiavam essa tendência se libertaram dela — vejamos os casos de Carlos Seljar e de Glaucio Rodrigues. Principalmente a pintura de Seljar evoluiu muito; a imaginação e a poesia finalmente en-

artista de indubitável valor, e Heitor dos Prazeres já realizou trabalhos de um encanto inimitável. Mas o primitivismo como tendência, especialmente o primitivismo sofisticado de alguns, ou o primitivismo baseado em ignorância e falta de talento de outros, não me convence em absoluto, e não acredito que possa ser de importância para a nossa arte moderna.

Muitos outros "ismos", representando outras tantas tendências, podem ser vistos

admitidas no Salão Moderno: cultura, gravura, arquitetura, desenho e artes gráficas, e arte decorativa. Isso já serve para demonstrar a importância da pintura no seio da grande mostra de arte contemporânea brasileira, o que talvez tenha sido a causa de o legislador, no artigo 13 da citada lei, ter concedido um prêmio anual de viagem ao estrangeiro a pintor, ao passo que o prêmio restante tem de ser avaramente disputado por escultores, gravadores, arquitetos, designers e decoradores, o mesmo acontecendo com os prêmios de viagem ao país. A pintura mereceu, portanto, de parte dos organizadores da lei 1.512, um antipático — mas até certo ponto compreensível — privilégio.

Tal superioridade da pintura, no Salão Moderno, não é contudo uma ascendência em qualidade, porém somente em quantidade: qualitativamente, quem ignora que nossos gravadores e desenhistas todos os anos se apresentam em nível bastante superior ao de nossos pintores? Porque, verdade seja dita, a pintura, no Brasil,

# de Arte Moderna

## PINTURA

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

ainda está demasiadamente presa a preconceitos, falta-lhe qualquer coisa sem o que não poderá ela jamais alcançar as grandes alturas. Por isso é que enquanto a gravura e o desenho brasileiros presentemente experimentam grande voga — e os prêmios internacionais concedidos a Pedroza d'Horta e a Aldemir Martins, há pouco tempo, são disso prova, — graças às suas características próprias, que lhe emprestam uma fisionomia particular, uma individualidade marcante a pintura teima, infelizmente, em macaquear com maior ou menor êxito fórmulas esgotadas e chaves estereis — como se essa ou aquela solução levada ao apogeu por determinado grande artista europeu, e que constituía seu vocabulário típico, intransmissível, pudesse ser aproveitada pelos demais artistas, sem prejuízo de sua autenticidade. Enquanto nossa pintura depender, para seu sustento, da importação de fórmulas alheias, chegadas até nós com o indefectível atraso de alguns anos, faltar-lhe-á maior relevo. Depois da primeira guerra mundial, cedermos aviões e material bélico obsoletos, causa de muitas mortes entre os jovens oficiais brasileiros; pois com a pintura tem acontecido o mesmo. E muito jovem artista nacional, incrivelmente dotado para a sua arte, tem perecido à mão dessa ou daquela teoria, importada já impraticável, de seu país de origem...

Ve portanto o leitor, desde agora, que não somos entusiastas da pintura brasileira, que reconhecemos ainda em um estágio bastante relativo de desenvolvimento. Forçoso é contudo reconhecer que os artistas mais jovens — os que apenas despontam para a arte, e que vêm expondo nos Salões Modernos desde há pouquíssimos anos — têm ultimamente procurado reagir contra essa situação de subordinação e inferioridade em que jazia a pintura brasileira, em que quatro ou cinco grandes nomes

mediocridade e a discreção gerais. E é em pintores novos, como Ivan Serpa, Marques de Sá, Quaglia, Benjamin Silva e outros, que repousa a pintura brasileira do futuro, sejam eles figurativos ou não figurativos, busquem, em sua arte, glorificar, ou repudiar a natureza. No que respeita ao problema de hoje tão em voga, das tendências artísticas, que se bifurca a arte contemporânea, não só entre nós como em todo o mundo, vê-se, penetrando no Salão Moderno de 1957, que figurativos e não figurativos são em número aproximadamente idêntico, e atingiram um grau de desenvolvimento técnico que praticamente se equivale. Entre os concorrentes ao prêmio de viagem ao

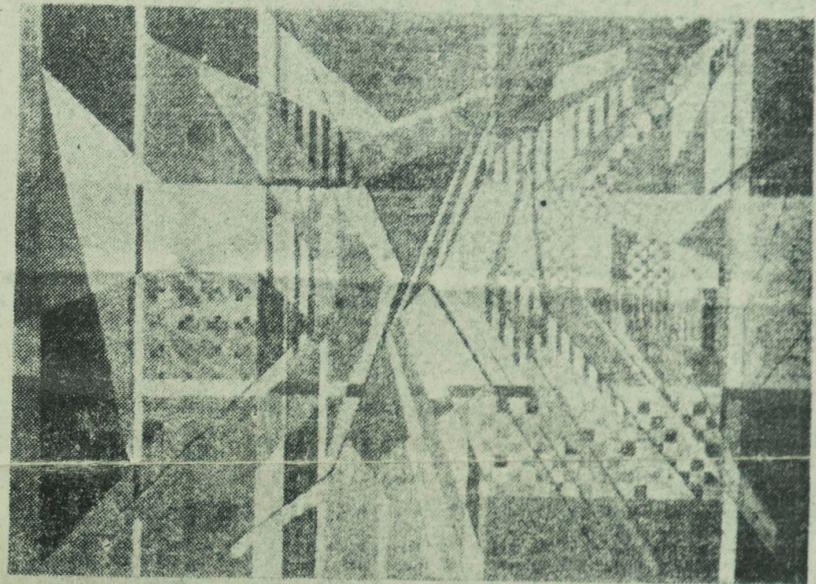
estrangeiro — e que são todos os que possuem certificado de isenção de júri, concedido em salões anteriores, — não saberíamos a quem dar tal recompensa: se a Ivan Serpa, se a Benjamin Silva, se a Djanira, Quaglia, Raimundo Nogueira, Ernani Vasconcelos, Jenner Augusto, Ivan Serpa, profissional da pintura, artista ainda moço, seguidor da tendência concretista em Artes Plásticas, mereceria o prêmio, pela seriedade com que trabalha, pelo grau de maturidade técnica a que atingiu — se bem que, no nosso entender, suas obras atualmente em exposição não sejam o que de melhor já desse artista temos visto; Benjamin Silva estava a merecê-lo porque, em alguns anos somente de carreira, al-

rece-nos terem sido traídos por maus envios, mormente Raimundo e o baiano Jenner Augusto.

Em rápida vista de olhos, pelo Salão, apreciamos com agrado a obra de Rapoport, suas figuras solidamente estruturadas, a cor marcante de seus quadros; desgostou-nos a submissão de Isabel Pons aos moldes portinarescos, e a arte amorfa de Henrique Cavaleiro, Bustamente Sá, Teriz, Ivone Visconti Cavaleiro, Rescala, Manoel Santiago — a qual não teria sido aprovada no Salão Moderno, se os citados artistas já não possuissem, de Salões anteriores, um certificado de isenção, que assim, no caso as proporções de verdadeiro mandado de segurança... vimos o martelar pas-

sent Ibberson, senhor de um colorido todo seu; o mesmo não podemos dizer da contribuição de Frans Krajesberg, cujo não-figurativismo não nos seduziu; Geza Heller, Mysabel, Lygia Clark, apenas discretos, dentro de suas características habituais.

Os chamados "mestres" não compareceram ao Sexto Salão; e sua ausência pode ser lamentada, se se levar em conta que sua participação viria dar maior importância a certa arte. Artisticamente, contudo, eles pertencem mais ao domínio dos museus, do que ao das mostras anuais. Outro ponto sobre o qual não podemos silenciar: a realização, em setembro vindouro, da Bienal Paulista, forçosamente influirá na qualidade artística das pinturas enviadas ao Salão Moderno: não é brincadeira, prepara-se um bom grupo de obras

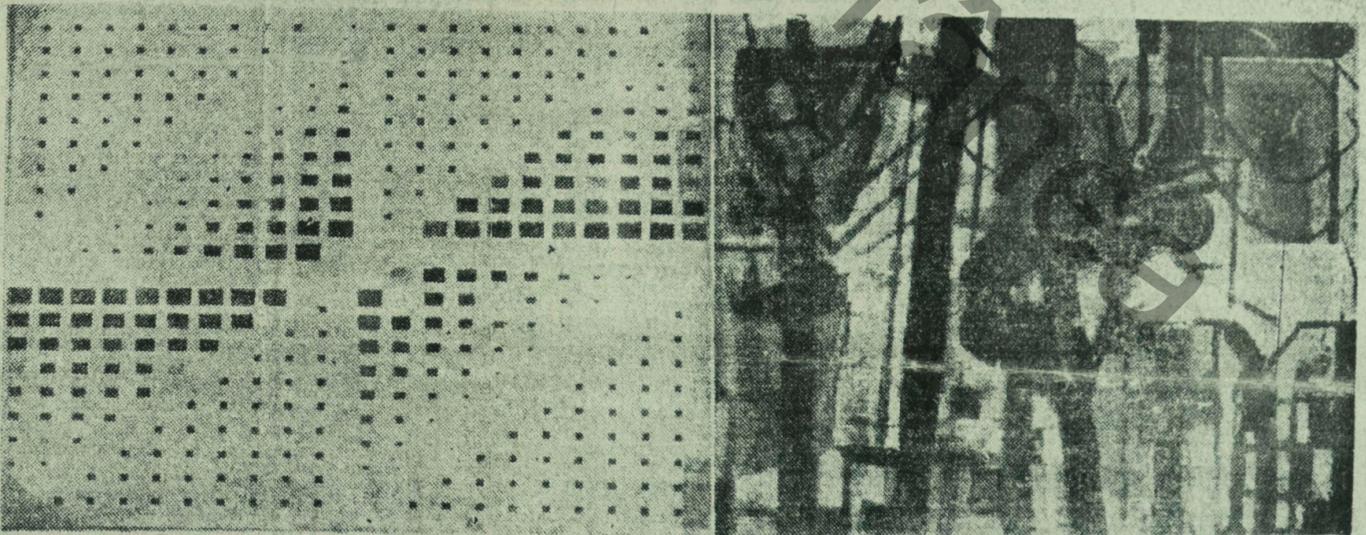


Pintura de Raimundo Nogueira

cançou uma situação de grande relevo nos quadros de nossa pintura, sendo hoje em dia um de nossos figurativos mais bem dotados, senhor de sólida técnica, que utiliza de maneira a mais elogiável; Djanira o merece, porque de Salão para Salão vem a sua pintura melhorando, e no atual, duas de suas telas, são magníficos exemplos de boa composição, colorido bem dosado, temática enovada. Quaglia figurante, porque ainda muito moço, tem trabalhado com afinco, sem parar nunca, a cada dia que se passa acrescentando alguma coisa à sua arte já bastante apreciável; Raimundo Nogueira, Ernani de Vasconcelos e Jenner Augusto, possuidores que são de certificados de isenção, são candidatos teóricos ao prêmio de viagem ao estrangeiro, mas, no Salão atual, pa-

ra esse, e para aquele conclave. Muitos artistas resolveram o impasse sacrificando o Salão ou a Bienal; outros, porém, resolveram tentar ambos — e talvez a essa hora já se tenham arrependido da façanha.

Resta fazer uma menção à boa disposição das obras, no recinto da mostra; até agora, não ouvimos as habituais lamentações daqueles que se julgam eternamente prejudicados pela má colocação de seus trabalhos, no vasto salão. Não saberíamos, enfim, terminar essa crônica, sem breve alusão à carinhosa e merecida homenagem prestada a Santa Rosa, artista plástico dos melhores que temos tido, membro do Júri tantas vezes, o ano passado desaparecido, em circunstâncias que ainda hoje lamentamos.



Composições de Ivan Serpa e Inimá